

O RÉVEILLON DE COPACABANA: DA CELEBRAÇÃO À IEMANJÁ AOS MEGA SHOWS E ESPETÁCULOS PIROTÉCNICOS

Doutoranda - Cristina da Conceição Silva¹

Doutor - José Geraldo da Rocha²

Doutoranda - Patricia Luisa Nogueira Rangel³

Resumo:

A temática em pauta vem ao encontro com as reuniões de grupo de pesquisa acadêmica em Relações Raciais, Desigualdades Sociais e Educação - CNPq. Nesses encontros travamos discussões sobre a relação dos festejos da cidade carioca e seu legado, oriundo do continente africano. Assim sendo, descreveremos o evento dos umbandistas, que acontecia no Réveillon de Copacabana dos anos 50 até os anos 90, do século XX, em homenagem à Rainha do Mar. Evento esse que passou a ser uma marca nessa geografia da Zona Sul, ao ponto do empresário Ricardo Amaral, na década de 70, promover uma cascata de fogos frios (indoor), que durava de 08 (oito) a 10 (dez) minutos, e cobria o extinto Hotel Méridien-Rio. A iniciativa do empresário levou os hotéis, restaurantes da praia, e a Prefeitura aderirem a esse espetáculo, que atraía muitos turistas para as ruas de Copacabana. Na década de 90, o então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, César Maia, ao perceber que o evento atraía um público, acerca de um milhão de pessoas, mudou o dia da festa do povo do santo para o dia 29 de dezembro e passou a utilizar o dia 31 de dezembro como acontecimento da prefeitura, com grandes shows, muita luz e fogos pirotécnicos.

Palavras chave: Réveillon. Iemanjá. Copacabana

Introdução

O presente trabalho visa a considerar a festa em homenagem à Rainha do Mar, Iemanjá, que os umbandistas realizavam nas praias de Copacabana, Rio de Janeiro, no Réveillon, entre as décadas de 1950 a 1990. Assim sendo, serão considerados os elementos presentes nesse encontro umbandista, que constituiu a reafirmação da identidade coletiva deste grupo e, através de suas crenças, atraíram e ainda atraem muitas pessoas, para participarem dos terreiros, ao longo das praias, com cantos, batuques, preces, dentre outros.

¹ cristinavento24@yahoo.com.br

Unigranrio/UCAM

² rochageraldo@hotmail.com

Unigranrio

³ patricia1234luisa@hotmail.com

Unigranrio

No dia 31 de dezembro, os umbandistas, vindos do subúrbio do Rio de Janeiro, improvisavam terreiros na areia da praia de Copacabana, também, com a intenção de pedir à Iemanjá um ano novo com boas energias. A celebração e o misticismo presentes no cenário carioca seduziram um público oriundo de diversos lugares para contemplar o show de luzes de velas e brancos das roupas dos umbandistas, bem como a beleza de cores das flores nos barcos, que entravam no mar com suas oferendas.

Diante da multidão que participava do evento, empresários e o poder público decidiram adotar um novo modelo de festa de Réveillon. Na década de 1980, o empresário Ricardo Amaral, implantou a primeira queima de fogos no Réveillon em Copacabana, o que contou com a adesão de outros empresários e da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

A partir da década de 1990, a prefeitura se apoderou do ambiente de homenagem à Iemanjá e adotou um novo modelo de Réveillon, promovendo grandes shows, fogos pirotécnicos etc. Diante deste fato, os encontros dos religiosos de matriz africana foram transferidos para o dia 29 de dezembro, a fim de que estes continuassem homenageando e fazendo seus pedidos para o ano novo, sem que interferissem no espetáculo idealizado pela elite carioca.

Festa para Iemanjá na Praia de Copacabana

As festas religiosas, como acontecimento cultural, têm se apresentado como um campo fértil de pesquisas históricas. Elas vêm mostrando fé e vivências abalizadas por um tempo e uma identidade coletiva. Segundo Peter Berger (1973), no universo religioso, a festa, tanto no sagrado quanto no profano, reconcilia todas as coisas e todos.

A festa é um momento de celebração da vida, a quebra da cadência monótona do dia a dia, o que permite ao homem sentir afetos e emoções. Por momentos, o andamento dos relógios é parado, o homem sente o tempo mítico do além-mundo e da revelação divina, que permite a reconciliação de todos com todos. Nesse contexto, declara Del Priori (1991) que não podemos esquecer as contribuições culturais dos negros e dos ameríndios num leque de expressões religiosas híbridas.

Nessa ambiência, as festas apontam o cerne do respeito à fé e à fraternidade comunal, que nutrem as manifestações religiosas e eternizam as tradições que formam um verdadeiro patrimônio cultural.

[...] das festas culturais inseridas no Brasil, surgem saberes peculiares que atravessaram muitas existências das comunidades nas suas práticas simbolizadas nas comidas, no artesanato, na música, na dança, celebrações e demais manifestações culturais (CRUZ ET AL, 2008, p.2; 3).

Para os autores, as festas culturais são descrições de um conjugado etnográfico da história e da cultura de todos os povos, em todos os níveis e classes sociais. Assim, as misturas étnicas entre negro, índio e branco derivaram de uma base etnográfica comum a todo território com suas tradições de ordem religiosa e social firmada no Brasil.

Nesse sentido, a festa em celebração à Rainha do Mar, Iemanjá, na praia de Copacabana, que teve início na década de 50 do século XX, acontecia no dia 31 de dezembro, cujo propósito também, era pedir boas energias para o ano vindouro. Iemanjá é um orixá africano, que, no Brasil, é conhecida como rainha das águas e mares, logo, protetora de pescadores. Nessa data, os umbandistas oriundos do subúrbio do Rio de Janeiro, improvisavam seus terreiros na areia da praia e os cercavam com velas e palmas brancas.

As praias do Rio de Janeiro, na virada do ano, eram dos devotos de Iemanjá, que, através de sua crença, proporcionavam lindo espetáculo, atraindo muita gente para vê-los. As festas religiosas apresentavam diversos elementos de expressões culturais, que se relacionavam para compor o evento, de forma que os religiosos montavam, desde cedo, barracas, cercados de flores - geralmente palma de Santa Rita – e, nesses terreiros, faziam seus cânticos, batuques, agradecimentos, preces e atendimento ao público. Quando a noite chegava, os cercados, que eram muitos, ao longo de toda a praia, tinham as velas acendidas, formando desenhos nas areias, conforme os autores Linares & Trindade (1986).

Isso acontecia não só em Copacabana. As praias de maior presença dos cultos da Umbanda à Iemanjá eram Copacabana, Flamengo, Praia da Bica, na Ilha do Governador e Praia Vermelha. Muitos centros de umbanda, no entanto, preferiam as cachoeiras, onde existe o ritual até hoje (DIAS, 2012, p.03)

O Réveillon em Copacabana nos oferece uma imagem inusitada da origem religiosa da festa, que além de comemorar a chegada do ano novo, também nos leva a pensar na pluralidade de falas sobre o evento, que se torna cada vez mais comentado, relatado e representado: “De vez em quando, algum praticante entrava em transe e saía rolando pelo chão, emitindo estranhos grunhidos. No momento culminante, o grupo se

encaminhava para o mar cantando hinos muito bonitos para saldar Iemanjá” (MAIA & BIANCHI, 2012, p.127).

Nesse espaço da cidade do Rio de Janeiro, em que o poder aquisitivo e social se apresentava como um dos mais elevados, o povo do santo não se intimidava, saía do subúrbio para Zona Sul da cidade, seguindo ao encontro de sua crença, homenageando à Rainha do Mar.

Segundo Dias (2012), a celebração e o costume místico foram tomando uma proporção evidente no cenário carioca e, cada vez mais, atraía grupos de diversas geografias da cidade do Rio de Janeiro e de outras regiões do Brasil. Copacabana era o local mais procurado para assistir a esses rituais, que se transformavam em espetáculos. Ao longo da praia, surgia um desenho singular de luzes e do branco dominante das roupas das mães de santo e seguidores. À meia-noite, todos os centros e seus participantes entravam no mar para suas oferendas e surgia um novo espetáculo de cores, barcos enfeitados e muitas flores. Na verdade, Réveillon, na praia, era isso: observar a devoção de um grupo, que transformava as praias cariocas em templo. Era um espetáculo belíssimo. (DIAS, 2012, p. 04)

A festa do Réveillon, como declaram Maia & Bianchi (2012), realizava-se desde a década de 1950, quando os umbandistas e frequentadores do candomblé, vestidos de acordo com a festa em tributo aos santos, faziam oferendas aos orixás para que estes saudassem e protegessem o Ano Novo. Eram festas que podiam perdurar horas e horas e mesmo virar a noite com cânticos e danças em homenagens às entidades de suas religiões, pois os pretos velhos e caboclos também se manifestavam nesse dia e davam passes para quem quisesse. Todavia, em virtude de visibilidade da festa por atrair pessoas de várias geografias do Brasil e, até mesmo, fora do país, despertou o interesse de empresários e do poder público, a ponto de dar ao espaço um novo modelo de festa de Réveillon na praia de Copacabana.

Surge o espetáculo pirotécnico

O cenário da Avenida Atlântica, realmente, expandiu-se até chegar a uma transformação da própria praia, onde acontece a festa do Réveillon. Nos anos 1970, no governo Negrão de Lima, para que atendessem ao aumento do tráfego e às obras de saneamento, foi inaugurada a alargamento da praia e da Avenida Atlântica, no entanto,

os desenhos das calçadas da orla se mantiveram. O paisagista Roberto Burle Marx atuou no canteiro central, aplicando desenhos geométricos. Dessa maneira, o que já era belo, ficou mais encantador.

O urbanismo moderno exigiu a construção de uma grandiosa faixa de areia. “As calçadas da orla marítima continuaram com seus desenhos em forma de ondas, mas o canteiro central ganhou belos desenhos geométricos, do arquiteto e urbanista Burle Marx, e várias árvores”. (MAIA & BIANCHI, 2012, p.130).

A festa do povo do santo passou a atrair moradores e turistas dos hotéis do bairro de Copacabana, a ponto do empresário Ricardo Amaral, na década de 1970, promover uma cascata de fogos frios (indoor), que durava de 8 (oito) a 10 (dez) minutos e cobria o extinto Hotel Méridien-Rio, situado na Avenida Atlântica, esquina com a Avenida Princesa Isabel. A iniciativa do empresário levou os hotéis, os restaurantes da praia, o Forte de Copacabana e a Prefeitura a aderirem a esse espetáculo, que foi atraindo muitos turistas para as ruas de Copacabana, de acordo com Maia & Bianchi (2012)

Com o surgimento dos fogos, em 1981, o espaço para a prática religiosa foi deixado em segundo plano e o foco se tornou a queima de fogos, como explica Dias (2012). Nessa primeira edição, cerca de 500 pessoas lotaram o Golden Room, elegante salão de eventos do Copacabana Palace, para assistir à queima de fogos, que ocorria em frente. No ano seguinte, em 1982, a festa se estendeu ao terraço e salão nobre do hotel, de onde quase 1.200 espectadores viram os fogos. Com o patrocínio do empresário Mario, da churrascaria Marius, que se somou à empreitada, houve um foguetório também no Leme (DIAS, 2012, p.04).

Na década de 1990, o então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, César Maia, ao perceber que o evento atraía um público, a cerca de um milhão de pessoas, passou a utilizá-lo como acontecimento da prefeitura, com grandes shows, muita luz, fogos pirotécnicos, dentre outras atividades, conforme comentam os autores Maia & Bianchi (2012). “As relações de domínio e apropriação do espaço, ou seja, nossas mediações espaciais do poder, poder em sentido amplo, que se estende do mais concreto ao mais simbólico” (HAESBAERT 2010, p. 339).

Esse modelo de Réveillon se apoderou do ambiente da antiga celebração a Rainha do Mar, que durante, aproximadamente, 50 anos foi utilizado pelo povo do santo, como espaço de celebração a divindade.

Em nossos territórios as crenças, os mitos e os valores compartilhados pelos seus frequentadores criam na cidade linhas invisíveis que delimitam os espaços de ocupação pelos diferentes grupos. Sendo invisíveis e frágeis, essas linhas não barram nem os desavisados, e muito menos os “invasores”, o que gera, vez por outra, desconfiança e conflito. (MAIA E BIANCHI, 2012, p.135).

Esse novo modelo de festa, patrocinada pela prefeitura e iniciativas privadas, em uma única noite, territorializa a praia de Copacabana com crenças e descrenças, por velhos e novos amores. O espaço passou a ser dominado pela música e por pessoas de todas as idades. A praia passou a ser ocupada, apropriada e vivida. Atualmente, é bebida pelas cidras que explodiram junto ao primeiro rojão. Ela é palco de invocação de um feliz ano novo e um adeus ano velho. Ela serve de cenário para beijos e abraços, emoções compartilhadas em desejos fervorosos, como aduzem Maia & Bianchi (2012).

Durante um artifício de territorialização da cidade, os grupos podem estar preparados a dialogar, negociar seus interesses, cedendo e barganhando os espaços a serem territorializados. Os choques de interesses são uma constante realidade, mas, para os atritos, podem existir negociações. Desse modo, a prefeitura da cidade disponibilizou o dia 29 de dezembro para os religiosos de matriz africana homenageassem Iemanjá e fazer seus pedidos para o ano vindouro.

Vale ressaltar que, no calendário da cidade, a festa em homenagem a Iemanjá na praia de Copacabana data como sendo iniciada em 2002, logo, os 40 anos que os religiosos outrora fizeram suas homenagens a Iemanjá na virada do ano, além de não contarem para a sociedade, também não conta como festa do Réveillon na praia de Copacabana. “Mover é atravessar as hierarquias sociais, consumir simbolicamente e factualmente o tempo, o espaço e as manifestações sintomáticas dos lugares: aqueles que são percebidos, aqueles que são ocupados, como aqueles que são desejados” (MAIA E BIANCHI, 2012, p.135).

Compreender uma cidade é imergir em um mar de sensibilidades e deixar que as percepções adotem o corpo através dos experimentos. Cabe salientar que o movimento e o deslocamento são atributos da cidade.

Considerações finais

Na virada de ano, ou seja, do dia 31 de dezembro para o dia primeiro de janeiro, acontece a festa do Ano Novo ou Réveillon, que, atualmente, está associado à queima

de fogos de artifícios. No entanto, sua história revela que se trata de evento de caráter cultural, associada à religiosidade de matriz africana, em especial, da umbanda.

O improviso de terreiros pelos umbandistas na praia de Copacabana foi o pontapé inicial para a festa do Réveillon, no entanto, não são computadas na história da cidade carioca. Observa-se que esse demérito invisibiliza a cultura das religiões de matrizes africanas e os afros cariocas, como percussores da celebração do ano novo da nobre Avenida Atlântica.

Cabe ainda salientar que esta geografia da cidade, nos primórdios das comemorações de Réveillon, surgiu como produto da sociedade, à medida que as relações sociais e culturais entre grupos religiosos transformaram um espaço público em um grande celeiro religioso em homenagem à Iemanjá. Neste espaço, as experiências religiosas, estabelecidas com muita simplicidade e fé, eram compartilhadas entre o povo do santo e com quem mais se aproximasse dos terreiros, improvisados na areia da praia da Avenida Atlântica.

Paulatinamente, este espaço foi sendo substituído por outras representações sociais, que aconteceram, através da apropriação dos grandes empresários desta geografia da cidade carioca, com a evidência o ilusionismo dos fogos de artifício, que despertou, no poder público, o potencial de marketing do evento, uma vez que reunia multidões em torno da celebração. Logo, a prefeitura passou a utilizá-lo como evento da mesma, e inseriu grandes shows, muita luz e muito barulho.

Neste contexto, o sentido da festa, que no passado reunia o povo da religião de matriz africana para homenagear e pedir bênçãos à Rainha do Mar, foi transformado em um evento destinado aos interesses políticos e econômicos do poder público municipal e da indústria do turismo carioca. Assim sendo, de festa mística para o maior Réveillon a céu aberto do planeta, Copacabana foi se modificando ao longo dos anos em um colossal laboratório de fogos de todos os tipos, para todos os gostos e todas as idades.

Referências Bibliográficas

BERGER, Peter L.. **O rumor dos anjos: sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural**. Petrópolis: Vozes, 1973

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro et al. **Festas culturais: tradição, Comidas e Celebrações**. I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador – Ba, em 11 de dezembro de 2008.

DEL PRIORI, M. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LINARES, Ronaldo Antônio & TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Iemanjá/Ogum**. SP, DAATH, 1986.

MAIA, João & BIANCHI Eduardo. **Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em cena**. Orgs. Coleção comunicações e culturas. Réveillon de Copacabana: territorialidades temporárias. São Paulo: Estúdio/produção, 2012.

Referências eletrônicas

DIAS, Elizabeth de Mattos. **Como começou o Réveillon em Copacabana**. Disponível <https://rioquemoranomar.blogspot.com.br/2012/12>. Acesso 15/03/2018.